



QUALIDADE PERCEBIDA NO USO DAS CORES EM UMA CLÍNICA DE PSICOLOGIA VOLTADA PARA ADULTOS

PERCEIVED QUALITY IN THE USE OF COLORS IN AN ADULT-ORIENTED PSYCHOLOGY CLINIC

Manuela Mello Fernandes^{1*}

Kátia Maria de Lima Araújo²

*Autora para correspondência: manuelafernandes02@gmail.com

Resumo: Este estudo buscou averiguar a qualidade percebida no uso das cores a fim de entender e aplicar suas propriedades no *design* de interiores de estabelecimentos assistenciais de saúde. Ele procurou na história o uso da cor como elemento terapêutico, exemplificando experimentos realizados por teóricos, *designers* e psicólogos nos dias atuais, verificando a qualidade cromática percebida, por meio do significado e das sensações que cada cor transmite aos usuários do ambiente em que a cor foi trabalhada. Com base na compreensão da influência desse elemento, este trabalho apresenta uma proposta de uso de cores no *design* de interiores de uma clínica de psicologia voltada para adultos.

Palavras-chave: cor percebida; psicologia; iluminação; qualidade cromática.

Abstract: This study sought to determine the perceived quality in the use of colors in order to understand and apply its properties in the interior design of health assistance establishments. The search in history studied the use of colors as a therapeutic element, checking out actual experiments performed by theorists, designers and psychologists, checking the color perceived quality, through the meaning and feelings that each color transmits on users of the place the color was used in. Based on the understanding of the influence of this element, this work presents a proposal of color using in interior design, in an adult-oriented psychology clinic.

Keywords: perceived color; psychology; lighting; chromatic quality.

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Recife (PE), Brasil.

² Centro Universitário UNIFBV | Wyden – Recife (PE), Brasil.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de levar para a área da saúde elementos que amenizem a hostilidade de hospitais e clínicas, o Ministério da Saúde lançou uma cartilha direcionando estratégias que colaboram com a humanização em estabelecimentos assistenciais de saúde (EAS).

Entre as estratégias, está a valorização da ambiência, que é o tratamento dado a um espaço construído levando em conta as relações que nele existem, tanto sociais quanto profissionais. Assim, o ambiente deve transmitir a sensação de proteção, acolhimento e resolução aos sujeitos que nele estão inseridos, devendo ser consideradas também a privacidade e a individualidade, além de trabalhar os espaços com elementos que interagem com o ser humano diariamente, como, por exemplo, a iluminação, o som, o cheiro e a cor (BRASIL, 2004).

Com esse incentivo, tanto em clínicas como em hospitais essa humanização é alcançada por meio de oficinas, cursos de comédia, palhaço terapia e uso da cor, contudo faz-se necessário um cuidado na utilização desse elemento de modo a manter o aspecto de assepsia e aconchego (GUSMÃO, 2010).

No *design* de interiores, o uso da cor trabalha as sensações que ela transmite. A cor pode ser aplicada como elemento decorativo, mas também terapêutico, pois é a parte mais emotiva do processo visual (GOMES FILHO, 2000). O próprio Ministério da Saúde relata em sua cartilha que o uso da cor foi de grande importância em uma das alas de um hospital:

Certa vez quando uma das paredes da enfermaria da pediatria de um hospital foi pintada de amarelo “ouro” e as demais harmonizadas com cores quentes e frias, quebrando o ambiente monocromático e sem expressão percebeu-se que as crianças responderam positivamente sendo estimuladas pelas cores – o local acabou por se constituir num ponto de atração dentro da enfermaria (BRASIL, 2004, p. 7).

A cor apresenta funções psicológicas que alteram o humor e melhoram a qualidade de vida. Sendo clínicas de psicologia espaços destinados à saúde, e a cor um elemento importante nesses ambientes, cria-se a necessidade de os profissionais de interiores estudarem os efeitos que as cores proporcionam para os que estão ao seu redor (GOMES FILHO, 2000; GUSMÃO, 2010).

Nesse contexto, este trabalho teve o objetivo de mostrar que a cor pode ser um elemento de auxílio e comunicação entre o paciente e o psicólogo. De natureza qualitativa, a pesquisa buscou averiguar a qualidade percebida no uso das cores a fim de entender e aplicar suas propriedades no *design* de interiores de uma clínica de psicologia voltada para adultos.

A harmonia entre as cores

A harmonia cromática define-se pela união de duas ou mais cores que em conjunto são capazes de atrair o observador e não tirar seu conforto visual (PEDROSA, 2009). Segundo Itten (1961), o conceito de harmonia é subjetivo. Ou seja, varia de pessoa para pessoa, e, em sua maioria, as pessoas consideram como harmônicas as paletas de cores que não possuem contraste forte. Quando se trata de um ambiente comum, como a recepção de uma clínica, objeto de estudo deste trabalho, a harmonia subjetiva pode ser falha, pois ela está ligada à parte psicológica e sentimental de cada indivíduo de maneira diferente, sendo extremamente difícil atingir o objetivo que se quer com o uso de determinada cor para todos que ocuparão o mesmo ambiente (BARROS, 2009).

Ainda de acordo com Itten (1961), a subjetividade da harmonia cromática deve mudar e tornar-se um princípio objetivo, ligando-se à parte psicofisiológica do observador, denominando de harmonia cromática a combinação de cores capazes de satisfazer aos olhos. Isto é, a paleta de cores que não passa a sensação de que está faltando uma cor na composição.

Por exemplo, se um quadrado verde é observado fixamente, pode-se ver uma moldura rósea ao seu redor. O verde é formado pelo amarelo e azul. Ao olhar para outra direção, o que o olho humano procura é conforto visual. Logo, o que se vê é um quadrado rosa, a cor complementar do verde. Tal união de cores transmite a sensação de harmonia objetiva e psicofisiológica citada por Itten (1961), agradando aos olhos de maneira física independentemente de gostos pessoais ou psicológicos (BARROS, 2009).

Outro exemplo de conforto visual harmônico e objetivo é o da arquiteta, escritora e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) Marilice Costi (2002), que afirma em uma de suas apostilas que nos centros cirúrgicos dos hospitais, na maioria das vezes, os médicos e enfermeiros possuem fardas na cor verde, além de ser verde também o ambiente de trabalho em si, pois tanto o médico quanto as pessoas que o auxiliam passam muitas horas olhando para o vermelho do sangue. Assim, para que não haja fadiga visual, o olho deve encontrar conforto na cor complementar: no caso do vermelho, a cor verde.

Qualidade cromática

A cor é um elemento capaz de influenciar o humor, por causa da ligação que possui com o sistema nervoso. Segundo a inglesa Angela Wright (2018), responsável pelo desenvolvimento do *colour affects* e do Instituto Colour and Imaging, da Universidade de Derby, Inglaterra, a luz insere-se nos nossos olhos de maneira diferente da de como atinge os objetos. Ely (2003) e Bórmio (2006) corroboram com esse pensamento, ao afirmar que a cor se destaca em razão do seu grande potencial de influência sobre o ser humano e que, caso o ambiente seja compatível com a satisfação humana, ele pode ter impacto positivo no usuário do espaço.

Em pesquisa, Ott (2000), diretor de saúde ambiental e do instituto de pesquisa de luz na Flórida, realizou experiências com plantas e células animais e descobriu que podia mudar as atividades metabólicas e até mesmo matar ambas com uma simples mudança na coloração do microscópio. Mais tarde, o pesquisador trabalhou com ratos de laboratório e mais uma vez constatou que a cor luz não só afeta a saúde psicológica, mas a física também; a luz tinha efeito na vida sexual e na expectativa de vida desses animais. Ott (2000) resolveu também trabalhar com martas, animais agressivos que, expostos a um vidro rosa, ficaram ainda mais hostis que o comum. Já expostos a um plástico azul, tornaram-se extremamente amigáveis.

Com os objetivos de comprovar e validar o uso da cor como terapia por meio das sensações transmitidas por ela, segundo Farina, Perez e Bastos (2006), nos anos 1980 foi feita no Brasil uma pesquisa com 16 mil pessoas, entre as quais estavam médicos, enfermeiros e 12 mil enfermos. Os resultados mostraram que cada cor tem seu significado e é utilizada em tratamentos específicos.

O azul, por exemplo, tem ligação com a pele, é considerado sedativo e curativo, além de ser indicado para queimaduras e doenças associadas aos pulmões, olhos e ouvidos. No entanto, por ser medicinal, seu uso excessivo pode desencadear doenças pulmonares (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006). Gimbel (1995) reforça essa ideia ao afirmar que o azul traz a sensação de calma e relaxamento e afasta a sensação de pressa e agitação que o indivíduo carrega todos os dias. Ainda, diz que essa cor pode ser utilizada no tratamento de pessoas que passam por algum problema de saúde cujo meio em que vive é o principal responsável.

O verde é considerado uma cor relaxante e pode auxiliar no tratamento de doenças do sistema digestivo e nervoso. Além disso, “certas variações de verde favorecem doenças mentais e nervosas” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 18). Já para Gimbel (1995), quando algo que possui vida se torna verde, isso pode significar que este está abatendo-se, morrendo, em termos psicológicos. Segundo o psicólogo Max Lüscher (1969; 2018), o verde é escolhido pelas pessoas que têm como objetivos causar impacto e impressionar e que são teimosas.

O laranja atua no sistema nervoso, é energético e, por esses fatores, indicado para pacientes com baixa vitalidade. Na prática, um ambiente laranja traria vitalidade para os enfermos com depressão, por exemplo. Já o marrom, que é uma cor derivada do laranja, pode ser vista como mal-estar do indivíduo e passa a atitude negativa quando correlacionada à vida (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

Os autores afirmam que a cor vermelha é considerada estimulante e está ligada à alimentação. Ela aumenta a pressão sanguínea e, ao mesmo tempo que se remete ao sangue e à violência, traz a ideia de festa. Para Fehrman (2018), *designer* de interiores americano com doutorado nos efeitos das cores, o vermelho é estimulante no termo psicológico, por lembrar a cor do fogo. Embora não seja quente no sentido literal, no tratamento cromoterápico o vermelho pode causar dores de cabeça e nervosismo e, por se associar à alimentação, provocar doenças no aparelho digestivo. É uma cor importante para pacientes com anemia e pessoas pouco ativas.

A cor púrpura é tida por muitos autores como espiritual, ligada à mente humana. Gimbel (1995) associa esse fato à questão de a púrpura ser uma cor que se forma pelo azul e vermelho. Ou seja, trata-se da mescla da sensação de relaxamento e agitação, sendo uma cor de certa forma equilibrada, como diz Lüscher (2018). De acordo com as pesquisas realizadas por Farina, Perez e Bastos (2006), a cor púrpura pode ser usada para tratamento de enfermos com pressão alta e insônia. O violeta aproxima-se dessas afirmações, indicado para febre, fraqueza e até mesmo congestões.

A combinação entre as cores pode trazer sensações diferentes, como foi visto com a união do azul com o vermelho. O verde mais o azul transmitem a sensação de passividade, de defesa, têm o conteúdo emocional de orgulho, e sensorialmente sua combinação é entendida como ácida.

Além dos estudos mostrados, segundo Barros (2009), havia dois testes mais utilizados e de extrema importância ligados à cor e à psicologia, os quais revelavam o lado emocional da personalidade do indivíduo estudado, ambos da Suíça. O primeiro, criado por Max Pfister em 1946, ficou conhecido como teste das pirâmides das cores. Tal teste foi aplicado em diversas situações e teve sua eficácia comprovada. “É um indicador exato das alterações dos estados emocionais e de disposição” (BARROS, 2009, p. 77), sendo utilizado em vários países como diagnóstico clínico.

O segundo teste é do psicólogo Max Lüscher (2018), que foi chefe do Instituto de Diagnóstico Psicomédico e é uma autoridade quando relacionado à psicologia da cor. Conforme o seu *site* oficial (LÜSCHER, 2018), Lüscher estudou psiquiatria, filosofia e psicologia em Basileia, na Suíça, e seu sistema de diagnóstico de cor tem sido usado por clínicos desde 1974, sendo seus testes os únicos aceitos por psicólogos da Alemanha (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006; BANKS; FRASER, 2011).

Lüscher (1969; 2018) desenvolveu uma ferramenta de diagnóstico que pode fornecer informações sobre a personalidade, as emoções e as condições psicossomáticas dos sujeitos aos quais é administrada. Ela baseia-se cientificamente no sistema nervoso central, responsável pelas funções físicas e sensoriais do corpo, que ocorrem com plena consciência do indivíduo, enquanto o sistema neurovegetativo, que acontece sem consciência do indivíduo, se dá de maneira involuntária e automática.

O sistema neurovegetativo é onde se passam as reações sensoriais proporcionadas pela cor, e todas as experiências com seu uso validam sua usabilidade na terapia, até mesmo a importância de não empregar certas cores, quando for necessário evitar algumas reações psíquicas. Farina, Perez e Bastos (2006) afirmam, por exemplo, que no teto de um quarto onde um enfermo permanece por muito tempo não deve ser usada a cor branca, visto que reflete muito a luz, o que pode levar ao ofuscamento e trazer a sensação de cansaço e de peso para o enfermo. Ao pintar o teto de azul, a sensação é de calma e de tranquilidade.

De certa maneira, tais estudos mostram que a cor serviu e serve até hoje como elemento comunicativo entre o paciente e o psicólogo, de modo que, ao escolher uma paleta de cores,

como apontaram os estudos de Pfister (*apud* BARROS, 2009), Lüscher (2018) e Itten (1961), a qualidade cromática é percebida pelo paciente, revelando um pouco de sua personalidade, abrindo caminho para o psicólogo o compreender melhor e traçar um tratamento adequado. As propostas cromáticas, objetivo do presente trabalho, tiveram por referencial teórico os autores citados e são apresentadas a seguir.

DESENVOLVIMENTO

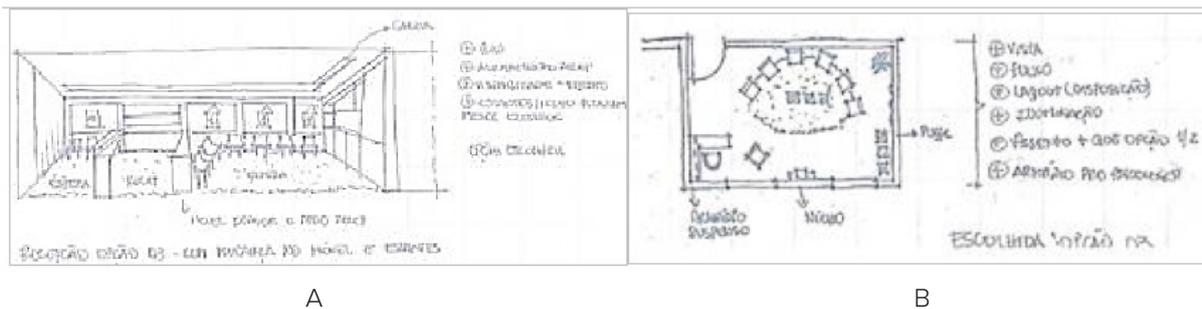
Planejamento projetual

A área de intervenção é localizada na cidade do Recife (PE) e possui 232 m². Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi escolhida a metodologia de *design thinking*, que consiste em quatro etapas, que podem ser alternadas de acordo com as necessidades do *designer*, além de suprimidas algumas fases, caso necessário.

Inicialmente, foi realizado o *briefing*, com o objetivo de identificar as necessidades dos clientes e usuários. Para a fase de pesquisa exploratória, fizeram-se uma investigação em um congresso de Gestalt-terapia e entrevistas com alguns psicólogos envolvidos nesse tipo de trabalho. Na etapa seguinte, *desk*, foram feitas pesquisas *online* e em campo de estudos de casos em clínicas de psicologia no Brasil e no exterior. Todos foram analisados considerando mobiliário, iluminação, cor, fluxo interno e acústica.

Na fase de imersão profunda, os dados obtidos nas pesquisas foram analisados, e tabularam-se os pontos positivos e negativos, a fim de auxiliar nas decisões projetuais. Nessa etapa, foram geradas alternativas, por meio de dois ou três esboços (Figura 1) para cada ambiente da clínica projetada. Posteriormente, foi criado um quadro comparativo, cujos dados foram avaliados, levando a uma conclusão, que uniu os pontos positivos de cada ideia para os ambientes. A última fase gerou, portanto, o projeto final, apresentado mediante imagens renderizadas.

Figura 1 – Exemplos de esboços



Fonte: primária

Briefing

O objeto de estudo consiste em uma clínica que desenvolve um tipo de terapia conhecida como Gestalt-terapia, que envolve tratamentos descontraídos; a arteterapia é uma de suas vertentes. A proposta é de que a cor sirva de comunicação entre paciente e psicólogo, de modo que, quando o paciente visualizar determinada cor, consiga expressar emoção. Isso mostrará que tipo de trabalho será necessário para a sua melhoria e até mesmo que tipo de problema o indivíduo pode estar enfrentando.

Na clínica, é realizado um sistema de triagem: por intermédio da cor, o psicólogo identifica o problema e trabalha com base nessa informação. A triagem também serve de sala de atendimento, para que, com esses pacientes que se identificou aversão a determinado tipo de cor, o psicólogo mais adequado para o problema possa trabalhar e realizar suas seções.

Para os psicólogos da clínica, é importante que o estabelecimento não tenha aspecto hostil; o espaço precisa ser atrativo e confortável tanto para os clientes quanto para os funcionários. Cada psicólogo tem uma especialização, e suas salas foram projetadas com as cores que mais combinam com os tipos de tratamento com que eles trabalham.

Proposta projetual

na recepção (Figura 2), os tons devem proporcionar receptividade, como foi dito por alguns autores. No entanto, como se trata de uma clínica voltada para o uso da cor com fins terapêuticos, foram utilizados os matizes lilás e verde-oliva com baixa a média saturação e em pequenas proporções, para que o uso da cor não tivesse nenhum efeito desagradável nos pacientes. O fluxo interno amplo permite a fácil transição das pessoas portadoras de necessidades especiais.

Figura 2 – Recepção



Fonte: primária

Na sala de reunião, os donos da clínica realizam eventos voltados para psicologia, sendo necessário um local onde possam promover conferências. Em uma das salas vazias, foi criada uma sala com TV, retroprojetor e mesa para seis pessoas, além da estante, para guardar documentos. O ambiente é neutro, possuindo apenas tons de bege e verde-oliva.

Considerando a existência de pessoas com aversão a determinadas cores, por conta de experiências passadas, foi projetado um espaço de triagem (Figura 3), que indicará a melhor sala para atender ao paciente. Para indivíduos que precisam de estímulos, por exemplo, o médico na triagem poderá indicar a sala laranja, que é a sala de arteterapia, e o psicólogo ideal para lhes atender. A proposta para essa sala é a utilização de cores neutras, para que não aflija os pacientes que estão indo à clínica pela primeira vez. Embora seja uma clínica que trabalha a cor como elemento terapêutico, todas as pessoas interessadas em tratamento psicológico podem nela ser atendidas.

Figura 3 – Sala de triagem

Fonte: as autoras

A psicóloga da sala 2 (Figura 4) é especialista em terapia em grupo, e sua sala foi projetada para atender a um número maior de pessoas. Como abriga diferentes tipos de personalidade, foi escolhido na sala o matiz azul, por ser conhecido por acalmar e relaxar, proporcionando a sensação de tranquilidade e auxiliando os pacientes a debater de maneira mais tranquila. Também foram trabalhados as luzes e o mobiliário azul, e a iluminação pode ser acesa de acordo com o objetivo da profissional durante a sessão, pois existe iluminação geral, assim como pontuais. Os pufes e *futttons* podem ser dispostos de acordo com as atividades realizadas na sala, o que torna o ambiente flexível. Além da luz azul, o ambiente conta com iluminação natural, obtida pelo jardim externo, que pode ser escondido pelas cortinas com *blackout*.

Figura 4 – Sala de terapia em grupo

Fonte: primária

A psicóloga da sala 3 (Figura 5A) é especialista em terapia de casal. Assim, o espaço foi projetado para aparentar a sala de estar de uma casa. Dessa forma, o casal percebe a atmosfera de um espaço conhecido e sente-se mais à vontade para falar dos seus problemas. As cores escolhidas foram o roxo pouco saturado e o azul-piscina, conhecidas por serem análogas. O azul, tido como uma cor calma, que proporciona tranquilidade, foi trabalhado com uma cor mais agitada, ligada à sensualidade. A união das cores tornou o ambiente equilibrado, sem deixá-lo hostil. A iluminação escolhida foi a difusa, como nos demais ambientes, proporcionando

aconchego. O rasgo na parede e no teto deixou a luz arroxeadada, promovendo tranquilidade/ aconchego. O sofá e as poltronas dão-se pela ideia central de sala residencial, além de proporcionar um leiaute flexível para atender aos demais pacientes, incluindo a família de modo geral, e não só o casal.

A sala 4 (Figura 5B) foi projetada para estimular pessoas mais calmas e tímidas. Foram utilizados estampas e materiais lisos, além do matiz laranja, para esse espaço. Um vão na parede cria um nicho, que, pintado de laranja, juntamente com um diodo emissor de luz (*light emitting diode* – LED), dá destaque aos objetos expostos. A parede que recebeu a estante branca também foi pintada, para dar contraste. Os quadros e tapetes ganharam tons terrosos, semelhantes ao laranja, e o sofá é da cor bege claro, com almofadas seguindo a cor da sala. Como o ambiente é mais voltado para trabalhos com arteterapia, há uma tela para que o paciente possa desenhar e se expressar.

Figura 5 – (A) Sala de terapia de casal/familiar; (B) sala de arteterapia



A

Fonte: primária

B

CONCLUSÃO

A cor está presente na natureza, e por essa razão somos suscetíveis a apreciá-la e sentir sua influência. Entre os fatores físicos que interferem na configuração ambiental, a cor destaca-se em razão do seu grande potencial de influência sobre o ser humano, podendo ser uma ferramenta relevante em ambientes de saúde, uma vez que colabora com a redução de sua aparência hostil, contribuindo com sua humanização.

Considerando a importância desse elemento, a grande questão é por que as cores são tão pouco utilizadas nesses espaços. A conclusão do presente trabalho é a de que a cor é importante para os estudos dos *designers* e projetistas que buscam atender aos usuários de EAS e que se faz preciso estudá-la com mais atenção, a fim de gerar espaços satisfatórios à percepção humana, levando em conta a atividade ali realizada e sua influência nos usuários presentes.

REFERÊNCIAS

- BANKS, Adam; FRASER, Tom. **O essencial da cor no design**. São Paulo: Senac, 2011.
- BARROS, Lilian R. M. **A cor no processo criativo**: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. 3. ed. São Paulo: Senac, 2009.

BINS, Ely V. Ergonomia + Arquitetura: buscando um melhor desempenho do ambiente físico. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ERGONOMIA E USABILIDADE DE INTERFACES HUMANO-TECNOLOGIA: PRODUTOS, PROGRAMA, INFORMAÇÃO, AMBIENTE CONSTRUÍDO, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2003.

BÓRMIO, Mariana Falcão. A importância do uso da cor como componente ergonômica na configuração ambiental. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Paraná. **Anais...** Paraná, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS: ambiência**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2004.

COSTI, Marilice. **Iluminação em hospitais: cuidados fundamentais**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Blücher, 2006.

FEHRMAN, Kenneth. Color Facts. *In*: _____. **Color: The Secret Influence**. 2018. Disponível em: <<http://www.colorthesecretinfluence.com/color.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

GIMBEL, Theo. **A energia curativa através das cores**. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2000. 127 p.

GUSMÃO, Vania Costa. **A influência das cores no estado psicológico dos pacientes em ambientes hospitalares**. Especialização (Programa de Pós-graduação em Projeto de Interiores)–Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2010.

ITTEN, Johannes. **The art of color: the subjective experience and objective rationale of color**. Nova York: Reinhold, 1961.

LÜSCHER, Max. **Color test: the remarkable test that reveals your personality through color**. Nova York: Pocket Books, 1969.

_____. **Diagnóstico-Cromático-Lüscher**. Disponível em: <<http://www.luscher-color.com/>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

OTT, John. **Health and the light: the effects of natural and artificial light on man and other living things**. Nova York: Pocket Books, 2000.

PEDROSA, Israel. **Da cor a cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac, 2009. 256 p.

WRIGHT, Angela. Colour Affects. *In*: _____. **Colour affects**. 2018. Disponível em: <<http://www.colour-affects.co.uk>>. Acesso em: 13 mar. 2018.